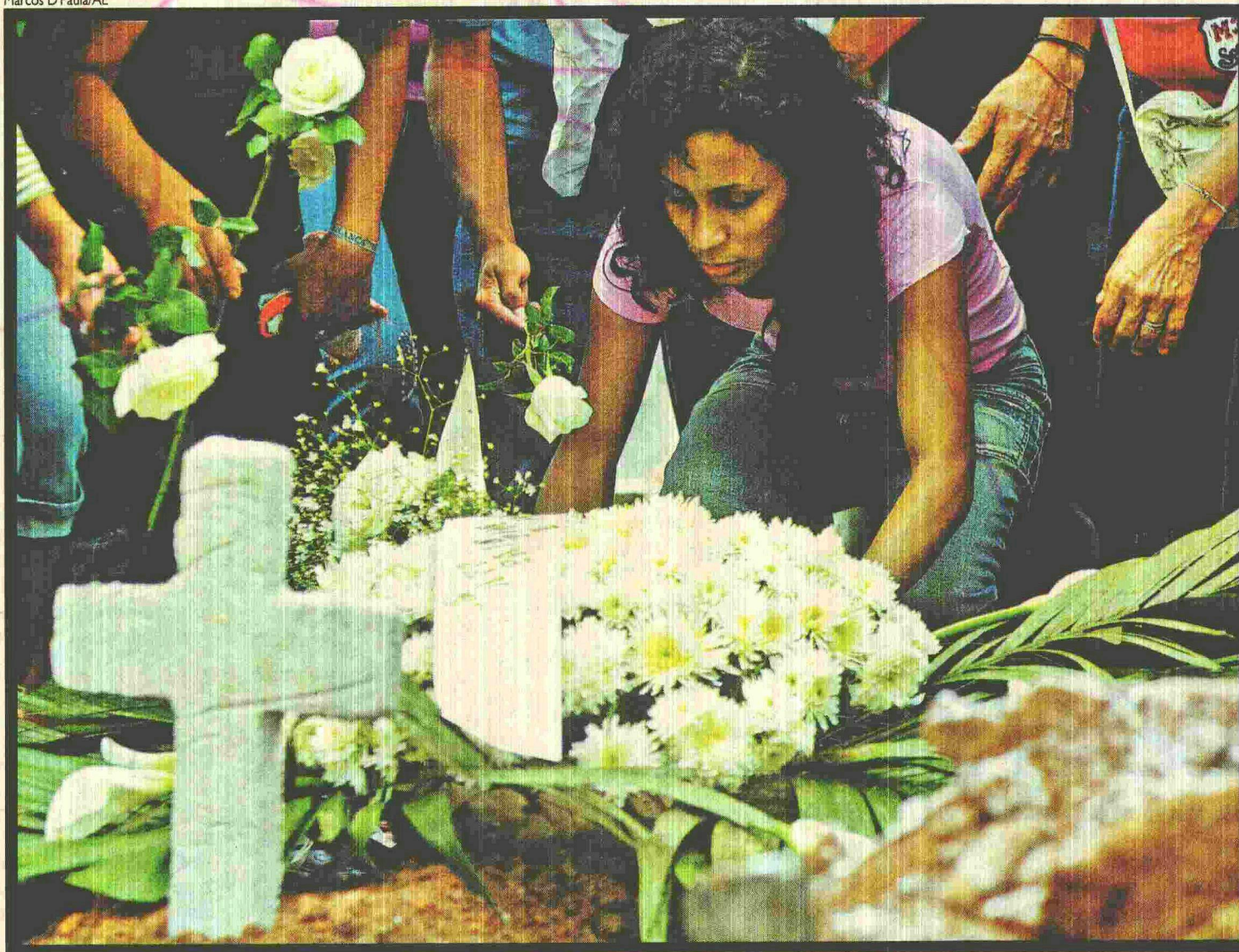


# Ação policial duramente atacada

Marcos D'Paula/AE



ENTERRO DO MENINO JORGE KAUÃ DE LACERDA, 4 ANOS, NO CEMITÉRIO DE IRAJÁ, NA ZONA NORTE DO RIO, FOI MARCADO POR MUITA EMOÇÃO

“  
AS IMAGENS MOSTRAM DOIS  
HOMENS DESARMADOS, QUE NÃO  
OFERECIAM RISCO, TENTANDO  
ESCAPAR, QUANDO  
FORAM MORTOS. ELES FORAM  
CASTIGADOS

Wadih Damous,  
presidente da OAB-RJ

“  
ELES ESTAVAM ARMADOS E QUASE  
MATARAM A TIROS UMA EQUIPE  
DA DPCA (DELEGACIA DE  
PROTEÇÃO À CRIANÇA E AO  
ADOLESCENTE) QUE ESTAVA EM  
UMA CASA CERCADA

José Mariano Beltrame, secretário de  
Segurança Pública do Rio

“  
MESMO DIANTE DE TANTAS  
MORTES, O GOVERNADOR  
DO RIO (...) TEM DADO  
CARTA BRANCA PARA AS  
INCURSÕES DE EXTERMÍNIO  
DA POLÍCIA

Trecho de nota assinada por 31 entidades ligadas  
a movimentos sociais e de direitos humanos

do helicóptero, eles teriam assassinado os policiais”, argumentou.

## A proibição de Brizola

O chefe da Polícia Civil do Rio, Gilberto Ribeiro, também defendeu a ação dos policiais e o uso dos helicópteros em operações nas favelas. “Se a polícia do Rio é a única que trabalha com

atiradores embarcados em helicópteros, isto ocorre porque nossa realidade e geografia exigem”, defendeu Ribeiro. Os vôos rasantes de helicópteros com homens armados em favelas foram proibidos no primeiro governo de Leonel Brizola (1983-1987).

As imagens da TV mostram dois homens pardos sem camisa fugindo dos tiros do helicóptero

em uma mata. Em poucos segundos e após inúmeros disparos, os dois foram atingidos. De acordo com a polícia, uma equipe da DPCA, comandada pelo delegado-titular Deoclésio Francisco de Assis, foi cercada por duas horas por traficantes nas matas da Vila Aliança, favela vizinha da Coréia, que junto com a favela do Rebu formam o Complexo do Camará.

Os policiais se refugiaram em uma casa. Um carro blindado foi chamado para socorrer os agentes, mas não conseguiu chegar até o local. Segundo a Secretaria de Segurança, o helicóptero da Polícia Civil foi acionado e dispersou os bandidos. Três deles se esconderam atrás de uma pedra e atiraram contra a aeronave.

Um grupo de 31 entidades ligadas a movimentos sociais e de direitos humanos divulgou ontem uma duríssima nota de repúdio à megaoperação policial realizada na comunidade da Coréia, em Senador Camará, no Rio de Janeiro. Assinado por organizações como a Justiça Global, a seccional do Rio da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-RJ), o grupo Tortura Nunca Mais e o Observatório de Favelas, o texto ataca o governador Sérgio Cabral, acusado de dar “carta branca para as incursões de extermínio da polícia”, avalia que o foco principal da polícia “é a execução” e exigem o fim do que chamam de “política do confronto que criminaliza a pobreza”. A ação terminou com 12 mortos, inclusive o menino Jorge Kauã de Lacerda, de 4 anos, e o policial Sérgio da Silva Coelho, de 43 anos.

Ainda de acordo com a nota, o relator especial da ONU sobre execuções sumárias, Philip Alston, estará no Rio a partir de 7 de novembro para acompanhar “as denúncias de violência geradas pela atual política de segurança pública”. O presidente da OAB-RJ, Wadih Damous, classificou de “cenas de barbárie” as imagens de dois homens perseguidos por um helicóptero e mortos durante a última operação policial. Ele informou que a Comissão de Direitos Humanos da entidade vai entregar representação ao Ministério Público, pedindo apuração e esclarecimento do caso. “Vamos requisitar à Rede Globo cópia do DVD com as cenas da execução. Aos meus olhos, não ocorreu uma ação policial. As imagens mostram dois homens desarmados, que não ofereciam risco, tentando escapar, quando foram mortos. Eles foram castigados”, afirmou Damous.

Mesmo sob críticas intensas, o Secretário de Segurança Pública do Rio, José Mariano Beltrame, defendeu ontem as ações e afirmou que “a repressão irá continuar”. Referindo-se ao episódio da perseguição feita pelo helicóptero da polícia a dois supostos traficantes que terminaram mortos a tiros, Beltrame alegou que os homens estavam armados de pistola e encurralavam uma equipe policial. “Eles estavam armados e quase mataram a tiros uma equipe da DPCA (Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente) que estava em uma casa cercada por marginais. O blindado não conseguiu chegar até a casa. Se não fosse a ação